

PLANO APOSTÓLICO

Província dos Jesuítas do Brasil-BRA



2015 / 2020

PLANO APOSTÓLICO

Província dos Jesuítas do Brasil-BRA



2015 / 2020

SUMÁRIO

Aprovação do Plano Apostólico da BRA	7
Apresentação	11
I. Um corpo reunido em missão	14
II. Fronteiras e apelos para a nossa missão	17
III. Nossa resposta: A missão dos Jesuítas do Brasil, hoje	18
IV. Nosso modo de proceder Apostólico	19
V. Nossa eleição Apostólica: Opções Preferenciais	21
VI. Uma eleição peculiar: Cuidar da Amazônia como <i>dom</i> para o mundo	28
VII. Serviços essenciais	32
VIII. Com grande ânimo e liberalidade (EE 5)	33
Anexo Fronteiras e apelos para a nossa missão	35



CURIA GENERALIZIA DELLA COMPAGNIA DI GESÙ

APROVAÇÃO DO PLANO APOSTÓLICO DA BRA

Roma, 05 de dezembro de 2014

BRA 14/03

Assunto: Plano Apostólico da Província BRA

R. Pe. João Renato Eidt, SJ

Cúria Provincial

Rio de Janeiro - RJ

Caro Pe. Provincial:

No dia 7 de novembro de 2014, poucos dias antes da criação da nova Província BRA, o Pe. Carlos Palácio, então Provincial, enviou-me a carta 14/27, que apresenta o Plano Apostólico da BRA, sobre cujo conteúdo faço algumas considerações.

O plano foi elaborado envolvendo as antigas províncias do Brasil e região da Amazônia. Em etapas sucessivas, nas quais todos os jesuítas foram chamados a colaborar com suas opiniões e sugestões, foi sendo construído plano que é fruto de um esforço comum para marcar os caminhos a serem trilhados pelos jesuítas na missão da Companhia de Jesus no Brasil. É um instrumento precioso para a consolidação da

Província, estabelecendo horizonte comum e preferências de missão para toda a Província. Sendo assim, deve ser conhecido, estudado, e tema de oração nos diversos espaços de vida e missão dos jesuítas.

O plano está em consonância com as opções apostólicas da Companhia na América Latina, especialmente no que diz respeito à eleição peculiar do cuidado da Amazônia como dom para o mundo. Alegro-me este aspecto pois está em consonância, também com a opção comum da Igreja na América Latina.

Conjugando uma leitura sapiencial com uma aproximação crítica da realidade, a definição da missão se mostra não só como resultado de nossa reflexão, mas, sobretudo, de um esforço de escuta da vontade de Deus. A missão é, assim, recebida por nos como um presente do Senhor, que enriquece e dinamiza nossa vida como jesuítas. Este processo corresponde ao nosso modo de proceder. O Plano Apostólico, além de orientar estrategicamente obras e trabalhos concretos, produz um fortalecimento da Província como corpo apostólico em missão.

O Plano Apostólico deve chegar à concretização estratégica tanto no governo provincial e nas plataformas apostólicas, traduzindo-se em planos de ação realistas e avaliáveis, com o estabelecimento de prazos, metas, responsáveis pela execução. Mas precisa também de uma leitura espiritual de seus horizontes e opções principais de modo que seja um documento que produza a dinamização da Província, gere identidade de corpo e seja conteúdo de nossa oração e vida espiritual. Trabalhando o Plano no sentido espiritual e estratégico reconhecemos o dom de Deus, que anima o corpo em missão, e o nosso empenho para realizar a vontade daquele que nos chamou e que nos envia.

É importante levar adiante a opção preferencial pela Amazônia. A atenção especial, que será dada à Rede Eclesial Panamazônica e ao Projeto Panamazônico da CPAL, tornará possível uma maior integração da missão na Igreja na Amazônia no âmbito latino-americano, uma vez que a Amazônia ultrapassa fronteiras nacionais. Desta forma é fundamental um alinhamento e coordenação das ações da Plataforma Apostólica da Amazônia com o Projeto Panamazônico, com uma iniciativa generosa, aplicando recursos necessários naquilo que a Província poderia contribuir mais: no campo da reflexão e formação (ministério instruído) e outros, nos quais um apoio diferencial seja mais necessário.

Pedindo atenção a estes aspectos, é com alegria que aprovo o Plano Apostólico da BRA, lembrando que a missão é um conceito espiritual e vai além das obras e trabalhos, mas que supõe um constante discernimento da vontade de Deus para os jesuítas do Brasil e todos aqueles que colaboram na Missão.

São Francisco Xavier, modelo do missionário jesuíta, interceda junto ao Pai e abençoe a todos.

Receba meu abraço afetuosos.



Pe. Adolfo Nicolás, SJ
Prepósito Geral



Pe. Adolfo Nicolás, Superior da Companhia de Jesus, e Pe. João Renato Eidt, Provincial do Brasil, em cerimônia de criação da BRA, em 16 de novembro de 2014

APRESENTAÇÃO

No dia 16 de novembro de 2014, com a presença do Pe. Geral Adolfo Nicolás, a Companhia de Jesus no Brasil celebrou um momento histórico: a criação da nova e única Província dos Jesuítas no Brasil – BRA. O caminho percorrido até este momento foi longo. Liderado pelo então Provincial do Brasil, Pe. Carlos Palácio, a idealização e a construção da nova província teve seu início em 2009. Foram muitas reuniões, grupos de trabalho, assessorias, consultas e debates que tornaram possível o processo que levou à criação da Nova Província.

Um grupo de trabalho denominado *Conselho da Missão*, nomeado pelo Pe. Palácio, recebera a incumbência de conduzir a construção do Plano Apostólico para a nova Província. Antes de o Plano Apostólico ser enviado a Roma, para a aprovação do Pe. Geral, o Pe. Palácio e sua consulta fizeram suas ponderações sobre o documento. Finalmente, no dia 5 de dezembro de 2014, o Pe. Geral aprovou-o na íntegra.

Tenho a alegria de apresentar a todos os jesuítas e colaboradores leigos/as o Plano Apostólico que deve inspirar a vida e a missão da Companhia de Jesus no Brasil para os próximos seis anos. Trata-se de um documento a ser lido, meditado, rezado e estudado por todos os que fazem parte da vida e missão jesuíta no Brasil. Como diz o documento: *“Desde o início deste processo, nós, jesuítas, quisemos situar-nos muito além de uma reestruturação jurídico-organizacional e nos dispusemos a viver este momento histórico como uma oportunidade única oferecida pelo Senhor, para renovarmos nossa vida de amigos no Senhor”*.

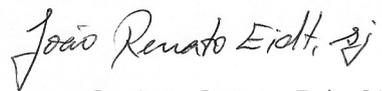
No Plano Apostólico, encontramos as “fronteiras e sinais dos tempos” que nos desafiam à criatividade e à solidariedade em nossa ação apostólica. *O Nosso Modo de Proceder Apostólico* é marcado por características específicas que identificam a vida e a missão jesuíta. À luz das “fronteiras e sinais dos tempos”, escolhemos quatro *Preferências Apostólicas* que devem inspirar e conduzir os Planos de Ação Apostólica em cada uma das sete *Plataformas Apostólicas* e no Plano de Ação Apostólica da BRA. Como o Plano de Ação Apostólica pode ajudar-nos a viver melhor a vida e a missão que Jesus Cristo nos confia? Como fazer uso da criatividade, à luz dos nossos recursos, diante dos muitos desafios que a realidade contemporânea apresenta?

Em sua carta, o Pe. Geral destaca a importância da Amazônia para a nossa missão e incentiva para que a nossa ação apostólica esteja em comunhão com o *Projeto Pan-amazônico* da CPAL (Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina) e a *Rede Eclesial Pan-amazônica* (REPAN). Nós, jesuítas do Brasil, optamos pela Amazônia como uma “*eleição peculiar: cuidar da Amazônia como dom para o mundo*”. Chegou o momento de sermos criativos, com discernimento, para marcarmos presença significativa nessa região que expressa tanta vida e, ao mesmo tempo, tantos desafios. Destaco também a Preferência Apostólica sobre as Juventudes. Os jovens merecem nossa atenção e ajuda para que possam “*construir seu projeto de realização pessoal como dom e serviço aos demais, na promoção e defesa da vida*”.

Está em nossas mãos o Plano Apostólico. Está em nossas mãos a oportunidade única de realizar a missão, de forma criativa e “não individualmente, mas como Corpo Apostólico, mas em plena sin-

tonia com a Igreja local, com a *Companhia de Jesus Universal* e na *América Latina* e com a sociedade civil”.

“Tendo os olhos fixos em Jesus e contemplando a sua paixão pelo Reino, dispomo-nos a receber d’Ele nossa nova missão como missão de esperança”. Que Santo Inácio e São José de Anchieta intercedam pelo Corpo Apostólico da nossa Província para poderemos “Em Tudo Amar e Servir”.

A handwritten signature in black ink, reading "João Renato Eidt, SJ". The signature is written in a cursive, flowing style.

Pe. João Renato Eidt, SJ
Provincial dos Jesuítas do Brasil

I. UM CORPO REUNIDO EM MISSÃO



1º Assembleia Nacional da BRA

1. A Companhia de Jesus no Brasil abraçou o desafio de se constituir numa única Província e de repensar a sua missão neste novo contexto. Desde o início deste processo, nós, jesuítas, quisemos situar-nos muito além de uma reestruturação jurídico-organizacional e nos dispusemos a viver este momento histórico como uma oportunidade única oferecida pelo Senhor, para renovarmos nossa vida de “amigos no Senhor”. Enraizados em Deus e imersos no coração do mundo, seremos novamente enviados por Ele à missão com *renovado impulso e fervor*.



2. Como membros de uma grande comunidade missionária internacional, queremos superar o risco de estreitamento do horizonte da missão e o “individualismo” pessoal, institucional e setorial. Para isso, comprometemo-nos a realizar a missão de maneira articulada, como “Corpo Apostólico”, em vários níveis: no fortalecimento de nossa vida comunitária e fraterna como missão; na comunhão com nossos irmãos jesuítas da Companhia universal e, em particular, da América Latina (CPAL); no nosso “sentir com a Igreja”, a serviço

do Povo de Deus, em comunhão com nossos pastores; no reconhecimento da contribuição inestimável das mulheres na Igreja, como colaboradoras da missão de Cristo; na parceria com pessoas e grupos que promovem os valores do Reino de Deus.

3. O horizonte da nossa missão no Brasil, como o de toda a Companhia, é universal. Contudo, esse horizonte se concretiza para nós nos desafios que nos vêm da diversidade regional, cultural e social de nosso país. Desejando responder aos desafios concretos de nosso contexto, o Corpo Apostólico da Companhia no Brasil define um novo modo de organizar e realizar a missão: as “Plataformas Apostólicas”, que correspondem a unidades geográficas às quais somos enviados e a partir das quais nos comprometemos com a missão comum. No contexto da Província do Brasil e de cada Plataforma Apostólica, caberá a nós, portanto, à luz deste Plano Apostólico, discernir continuamente quais são e por onde passam as “novas fronteiras” e as “novas nações” às quais o Senhor nos envia hoje.

II. FRONTEIRAS E APELOS PARA A NOSSA MISSÃO



Da esquerda para direita: Mahmoud Abbas, presidente da Palestina, Papa Francisco, Shimon Peres, presidente de Israel, e Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico de Constantinopla

4. No tempo que precedeu o início da nova Província do Brasil, fizemos o esforço conjunto de contemplar a realidade atual de nosso país, analisar os planos apostólicos que norteavam o trabalho das províncias e região e fazer opções concretas que nos permitam dar uma resposta generosa a Deus, reconhecendo Sua presença salvífica em nossa história. Uma leitura sapiencial da realidade ajudou-nos a identificar “fronteiras” e “sinais dos tempos” que se apresentam, por um lado, como provocações, interpelações e oportunidades; por outro, como desafios, conflitos e ameaças, que nos convidam à solidariedade com os que sofrem seus efeitos.

5. O olhar da fé sempre nos permite ver além das contradições do real e descobrir nelas as potencialidades e dinamismos de vida ainda por explorar. Em nosso processo de planejamento, demos uma atenção especial ao que consideramos os apelos mais urgentes para a nossa missão no Brasil: a fronteira da *cultura científico-tecnológica*; a fronteira da *experiência da fé*; a fronteira *social, econômica e política*; a fronteira da *ecologia*; a emergência das *mulheres* como sinal dos tempos; os *pobres* como sinal permanente¹. Foi assim que as potencialidades e desafios antigos e novos de nosso contexto se tornaram, para nós, um clamor.

III. NOSSA RESPOSTA: A MISSÃO DOS JESUÍTAS DO BRASIL, HOJE

6. Colocados com Cristo no coração da nossa realidade, nós, jesuítas do Brasil, somos movidos a alimentar a Vida de Deus em todo ser humano e em toda a criação, manifestando um cuidado especial com os mais pobres e com toda vida ameaçada. Como homens de Igreja, “servidores da missão de Cristo” e inflamados por Sua paixão pelo Reino, sentimo-nos enviados às novas fronteiras de nosso país, de nosso continente e do mundo, chamados a reinventar nosso serviço à fé, à promoção da justiça e ao diálogo com as culturas e com as religiões, colaborando com outros/as para que se realize o projeto divino de reconciliação, para a maior glória de Deus e a salvação do mundo.

¹ A explicitação de nosso modo de conceber essas “fronteiras” e “sinais dos tempos” encontra-se no anexo, ao fim deste documento.

IV. NOSSO MODO DE PROCEDER APOSTÓLICO



7. Interpelados pelo nosso contexto e momento histórico, fiéis ao nosso carisma e aos apelos recebidos da Igreja, elencamos seis características fundamentais de nossa ação apostólica:

a. Presenças apostólicas – englobam os diversos ministérios nos quais estamos envolvidos, em níveis distintos de institucionalização, reorientados de acordo com nosso exercício de discernimento e com as opções preferencias deste Plano Apostólico.

b. Ministério instruído – compreende, segundo a perspectiva do Apostolado Intelectual da Companhia de Jesus, o duplo compromisso com a profundidade e a criatividade de toda ação apostólica jesuítica: uma formação contínua e qualificada para o

bom exercício da missão recebida e a participação na reflexão e no debate das questões relevantes de nosso contexto.

c. Formação de lideranças – visa à concretização do “bem mais universal”, por meio da identificação de agentes de transformação, ajudando-os/as, por meio dos princípios da pedagogia inaciana, em seu processo pessoal de humanização e em sua abertura a um serviço qualificado aos demais.

d. Colaboração com outros/as e participação em redes – compreende um modo novo de realizar nossa ação apostólica, numa atitude de aprendizado e de partilha com outros/as, em âmbito eclesial e civil. Neste ponto, queremos destacar a importância das mulheres na conversão de nosso imaginário e na descoberta de novos caminhos para o melhor serviço à missão de reconciliação do Cristo.

e. Novos meios e novas linguagens – correspondem ao constante esforço da Companhia de Jesus em adaptar-se aos diversos “tempos, circunstâncias e pessoas”, em vista de encontrar novas mediações e novas lógicas que favoreçam o anúncio da Boa Nova de Cristo.

f. Incidência sócio-político-cultural – corresponde ao compromisso de conversão pessoal, comunitária e institucional em relação às opções preferenciais, para, a partir disso, encontrar respostas estratégicas e estruturais às questões de nosso tempo, em vista de uma ação transformadora, contribuindo na formação de opinião e na construção de políticas públicas.

8. Valorizando nossa pertença eclesial, daremos especial atenção às análises, orientações e práticas propostas pelo Magistério e pela Vida Religiosa no Brasil e na América Latina.

V. NOSSA ELEIÇÃO APOSTÓLICA: OPÇÕES PREFERENCIAIS

9. À luz do olhar evangélico e inaciano, movidos pelo desejo de servir ao Senhor e a seu Reino, nós, jesuítas do Brasil, colocamos o conjunto de nosso Corpo Apostólico a serviço da missão evangelizadora da Igreja e comprometemo-nos, *preferencialmente*, com:

10. *A redescoberta e o aprofundamento da **experiência transformadora da fé**, por meio da partilha da espiritualidade inaciana.*



a. *Presenças apostólicas*: garantir a avaliação de grupos e instituições que tenham como atividade-fim a promoção da experiência transformadora da fé (Igrejas, Paróquias, Centros de Espiritualidade, Faculdades de Teologia, Centros de Fé e Cultura, Missões itinerantes, Movimentos de espiritualidade inaciana, etc). Esta

avaliação deverá indicar necessidades de encerramento, fortalecimento e/ou criação de frentes apostólicas desta mesma natureza. A perspectiva indicada nesta opção preferencial deverá ser assumida como elemento estrutural em outros grupos e instituições na realização de suas atividades-fim.

b. Ministério instruído: promover, entre jesuítas e colaboradores/as, o aprofundamento teórico sobre nossa espiritualidade e sobre as diversas formas de experiência de fé na atualidade e contribuir com a reflexão filosófico-teológica, espiritual e psicossocial do pluriforme fenômeno religioso no Brasil, propondo caminhos para melhor realizar o serviço da fé em nossos dias.

c. Formação de lideranças: oferecer às lideranças cristãs (católicas e de outras confissões) e de religiões abertas a um diálogo com o cristianismo, experiências diversas que promovam o amadurecimento refletido de sua fé e colaborar em sua capacitação para o acompanhamento e a ajuda a outros.

d. Colaboração com outros/as e participação em redes: associar-nos a pessoas, a grupos eclesiais e inter-religiosos com uma perspectiva espiritual convergente com essa opção preferencial, aprendendo com suas experiências, partilhando nossa tradição espiritual e construindo vínculos (afetivos e institucionais) que promovam e fortaleçam uma vivência solidária da fé.

e. Novos meios e novas linguagens: potencializar a partilha de nossa espiritualidade nas redes sociais e websites, buscando novas portas de acesso à beleza e à profundidade da experiência de Deus por meio da arte e da nova cultura da comunicação.

f. Incidência sócio-político-cultural: abrir-se à partilha de nossa própria experiência de fé com nossos companheiros e colaboradores/as e à escuta da experiência dos/as outros/as, atentos especialmente à especificidade da experiência religiosa das mulheres. A partir desta abertura, participar do diálogo no espaço público, assumindo a dimensão profética da fé em debates sobre questões relevantes, tais como a laicidade do Estado, a manifestação pública da fé, o estatuto da Teologia no meio científico, as grandes questões de bioética, a liberdade religiosa etc., criando pontes (teóricas e práticas) entre fé e ciência, fé e razão, fé e política, fé e culturas, mística e práxis.

11. *A Superação do abismo da desigualdade socioeconômica e suas graves implicações sociais, culturais e ambientais.*



a. *Presenças apostólicas:* garantir a avaliação de grupos e instituições que tenham como atividade-fim a superação

do abismo da desigualdade socioeconômica, por meio da promoção da justiça social e dos direitos humanos (Centros Sociais, Educação Popular, Serviço aos Migrantes e Refugiados, Casas de inserção em meios populares, etc). Esta avaliação deverá indicar necessidades de encerramento, fortalecimento e/ou criação de frentes apostólicas desta mesma natureza. A perspectiva indicada nesta opção preferencial deverá ser assumida como elemento estrutural em outros grupos e instituições na realização de suas atividades-fim.

b. *Ministério instruído*: promover, entre jesuítas e colaboradores/as, o aprofundamento teórico-crítico sobre a história sociopolítica de nosso país e sobre as causas mais profundas da persistente situação de desigualdade e de exploração desordenada da natureza, contribuindo, também, com a busca de caminhos de superação desta gritante contradição, por meio da reflexão filosófica (raízes antropológicas e éticas), espiritual (idolatria do dinheiro e pecado social) e sócio-econômico-ambiental (cultura do capital, exclusão social e desequilíbrio ecológico).

c. *Formação de lideranças*: oferecer às lideranças eclesiais, associativas e a outras pessoas comprometidas com a transformação da sociedade formação teórica e prática que as qualifique na acolhida e edificação do Reino e em seu engajamento na construção de um outro mundo possível.

d. *Colaboração com outros/as e participação em redes*: associar-nos a pessoas, a grupos eclesiais e da sociedade

civil engajados na transformação social, aprendendo com suas experiências, partilhando nossa tradição de compromisso social e construindo vínculos (afetivos e institucionais) que promovam e fortaleçam redes de solidariedade com os mais pobres e de cuidado da criação.

e. *Novos meios e novas linguagens*: colaborar com a democratização das novas mídias e com a inclusão digital dos mais pobres, descobrindo e apontando critérios de discernimento para um justo uso desses meios.

f. *Incidência sócio-político-cultural*: ampliar nossa presença entre os mais pobres e abrir nossas casas a eles, aprendendo deles a melhor maneira de servi-los; expandir nosso serviço aos que sofrem deslocamentos forçados; e assumir o processo de conversão pessoal, comunitária e institucional em relação ao cuidado da natureza. Fundamentados nessa experiência, participar dos fóruns de debate e de definição de políticas públicas sobre questões socioambientais, denunciando as situações de injustiça e violência, assumindo a defesa e o cuidado das vítimas e criando pontes entre homens e mulheres, pobres e ricos, entre as diferentes etnias (com especial atenção às culturas de matriz africana e indígena), entre brasileiros e estrangeiros e entre o avanço tecnológico e o uso responsável dos recursos naturais.

12. *As juventudes, ajudando-as na construção de seu projeto de realização pessoal como dom e serviço aos demais, na promoção e defesa da vida.*



a. *Presenças apostólicas:* garantir a avaliação de grupos e instituições que tenham como atividade-fim o serviço às juventudes (Centros e Casas de Juventude, Colégios, Universidades, Assessorias, Movimentos jovens de inspiração inaciana, etc). Esta avaliação deverá indicar necessidades de encerramento, fortalecimento e/ou criação de frentes apostólicas desta mesma natureza. A perspectiva indicada nesta opção preferencial deverá ser assumida como elemento estrutural em outros grupos e instituições na realização de suas atividades-fim.

b. Ministério instruído: promover, entre jesuítas e colaboradores/as, o aprofundamento teórico sobre o fenômeno das diversas

juventudes de nosso país (urbanas, rurais, dos meios populares, tribos, etc) e sobre a especificidade de suas buscas, anseios e conflitos mais profundos, contribuindo, também, com a produção de conhecimento (espiritual, científico e pastoral) a partir de uma verdadeira proximidade com elas.

c. Formação de lideranças: oferecer às lideranças juvenis uma sólida e ampla formação teórica e prática, a partir da educação formal e informal, programas de voluntariado, experiências comunitárias, itinerários espirituais, fundamentação social e política, cursos diversos, ajudando-as em sua qualificação pessoal e em sua capacidade de irradiação em suas próprias famílias, na Igreja e na Sociedade.

d. *Colaboração com outros/as e participação em redes*: associar-nos a pessoas, a grupos eclesiais (sobretudo de inspiração inaciana) e da sociedade civil comprometidos com as causas juvenis, aprendendo com suas experiências, partilhando nossa tradição de trabalho de formação das juventudes e construindo vínculos (afetivos e institucionais) que promovam e fortaleçam a Pastoral da Juventude em âmbito nacional e tornem possível a estruturação de uma Rede Inaciana de Juventude a serviço da Igreja.

e. Novos meios e novas linguagens: aprender com os/as jovens seu novo modo de ver e habitar o mundo, especialmente o “virtual”, valorizando e alimentando as sementes do Evangelho aí contidas e ajudando-os/as a discernir as forças de vida e de morte que também se manifestam nesses meios.

f. *Incidência sócio-político-cultural*: ampliar nossa presença entre os/as jovens e abrir nossas casas a eles/as, aprendendo deles/as a

melhor maneira de servi-los/as. Fundamentados nesta experiência, participar dos fóruns de debate e de definição de políticas públicas que afetam as juventudes e suas famílias, com especial atenção às questões relacionadas com a educação, a problemática da violência (sobretudo contra mulheres e negros), a dependência química (drogas e álcool), a falência do sistema prisional, etc.

13. Essas opções preferenciais nortearão a missão da Companhia de Jesus nos próximos anos em todo o território nacional, tanto no âmbito das Plataformas Apostólicas, quanto no âmbito do governo da Província do Brasil.

VI. UMA ELEIÇÃO PECULIAR: CUIDAR DÁ AMAZÔNIA COMO *DOM* PARA O MUNDO

14. A Amazônia Legal Brasileira tem mais de 5 milhões de quilômetros quadrados, em nove estados, e ocupa 59% do território nacional e 60% da Panamazônia. É uma realidade complexa, desconhecida da maioria dos brasileiros. Abriga 30% de todas as formas vivas do planeta e contém 15,5% da água doce do mundo. Conta com mais de 250 povos indígenas, dezenas deles isolados, e comunidades tradicionais de quilombolas, seringueiros, pescadores, ribeirinhos, posseiros, extrativistas, etc. Todo este patrimônio natural e sociocultural do Brasil a serviço da humanidade encontra-se gravemente comprometido pelas intervenções humanas.

15. Por isso, devido à sua singular importância no cenário socioambiental nacional e internacional, e pelas características

específicas desta imensa e desconhecida região de nosso país, elegemos, em consonância com os pastores da Igreja e o Plano Apostólico Comum da CPAL.

16. *A **Amazônia** como uma área geográfica preferencial para a realização de nossa missão evangelizadora no Brasil.*



a. *Presenças apostólicas:* garantir a avaliação, a partir da perspectiva indicada neste Plano, de grupos e instituições na Plataforma Apostólica Amazônia que tenham como atividade-fim o serviço da fé, a promoção da justiça social e dos direitos humanos e o serviço às juventudes. Esta avaliação deverá indicar necessidades de encerramento, fortalecimento e/ou criação de frentes apostólicas em consonância com a missão comum projetada neste Plano.

b. *Ministério instruído:* promover, entre jesuítas e colaboradores/as, o aprofundamento teórico sobre o

fenômeno religioso na Amazônia, a história sociopolítica da região, as causas da persistente situação de desigualdade e de exploração das populações e da natureza e o fenômeno das diversas juventudes locais (urbanas, rurais, ribeirinhas, indígenas, etc). A partir disso, ajudar a Igreja e a sociedade a compreender as riquezas e os desafios desta imensa região de nosso país.

c. *Formação de lideranças*: colaborar com a formação espiritual, socioambiental, política e cultural de agentes de transformação da região amazônica, sobretudo os/as jovens, para que partilhem com o Brasil e com o mundo as riquezas culturais, sociais e religiosas dos diversos povos que compõem a Amazônia.

d. *Colaboração com outros/as e participação em redes*: associar-nos a pessoas, grupos eclesiais, inter-religiosos e da sociedade civil dispostos a servir o povo amazônico a partir de uma perspectiva convergente com as opções preferenciais expostas neste Plano. Daremos especial atenção à colaboração com a Rede Eclesial Panamazônica e ao Projeto Panamazônico da CPAL.

e. *Novos meios e novas linguagens*: aprender dos povos amazônicos seu modo de ver e habitar o mundo, sua relação com a natureza, seu modo próprio de expressão artística e de uso das novas tecnologias de informação. Por meio das novas mídias, incentivar os grupos e instituições ligados à Companhia a diminuir as distâncias geográficas e culturais que nos separam desta realidade.

f. *Incidência sócio-político-cultural*: abrir-se à descoberta da Amazônia e aprender a valorizá-la como dom de Deus para todos nós e para o mundo. Assim, fundamentados

nesta experiência, participar do diálogo no espaço público, assumindo a defesa profética da vida nesta região, em especial dos povos originários e tradicionais, dos migrantes e refugiados, da natureza em geral.

17. Esta eleição peculiar levará à revisão de nosso trabalho apostólico na região e ao empreendimento de novas missões que respondam a seus principais desafios, o que implicará um reforço em recursos humanos e econômicos. A Província do Brasil examinará, também, a possibilidade e a conveniência de se criar um estatuto especial para a Plataforma Apostólica Amazônia, para garantir a efetivação desta opção preferencial.

VII. SERVIÇOS ESSENCIAIS

18. Para garantir a comunhão, a conservação e crescimento do Corpo Apostólico da Companhia de Jesus no Brasil, há alguns serviços permanentes e necessários, a saber, o **Governo**, a **Formação e Promoção das Vocações** e a **Administração dos bens**.

19. Na Companhia de Jesus, o Governo é um serviço indispensável para manter viva a “união dos corações”, garantir a fidelidade à identidade e missão do Corpo Apostólico, a comunhão com a Companhia latino-americana e universal e animar os jesuítas na missão recebida. É ele o principal responsável pela implementação do Plano Apostólico.

20. A Companhia entende a formação como integração de um jovem jesuíta a nosso Corpo Apostólico. Por isso, a conservação, o aumento e a qualidade de vida do Corpo é de responsabilidade de todo jesuíta, mesmo que alguns recebam a missão de acompanhar os candidatos em seu processo de discernimento vocacional e os jovens jesuítas em seu processo formativo.

21. A realização de nossa missão apostólica supõe uma adequada administração dos bens de que dispomos, que são patrimônio dos pobres. A administração provincial, além de realizar este serviço, zela por uma melhor distribuição de nossos recursos financeiros e uma maior solidariedade entre as diversas iniciativas apostólicas.



VIII. COM GRANDE ÂNIMO E LIBERALIDADE (EE 5)

22. Tendo os olhos fixos em Jesus e contemplando a sua paixão pelo Reino, dispomo-nos a receber d'Ele nossa nova missão como "missão de esperança" (CG 35, D. 2, n. 8). Por isso imploramos ao Senhor o seu amor e a graça de sermos "prontos e diligentes em cumprir sua santíssima vontade" (EE 91); isso nos basta (EE 234).

A.M.D.G.

ANEXO

FRONTEIRAS E APELOS PARA A NOSSA MISSÃO

A. Fronteira da *cultura científico-tecnológica*

1. Entramos numa nova etapa da história da humanidade, comparável à invenção da escrita. É uma fase de transição, que acarreta uma significativa mudança de paradigmas, fundamentada na relação do ser humano com o conhecimento crítico-científico e com os produtos tecnológicos. Muitos são os avanços proporcionados por esta nova racionalidade, principalmente nas áreas da educação, da saúde, das tecnologias da informação e do bem-estar humano. A facilidade do contato com os diferentes povos, culturas e religiões fez com que a alteridade e a diversidade fossem reconhecidas como uma riqueza de nossa existência humana compartilhada. Nossas diversas culturas regionais, enriquecidas por uma nova cultura digital, são impulsionadas à criação de *vínculos* diversos, à participação de *redes* e ao imperativo da *conexão*.

2. No entanto, uma grande parcela da humanidade está excluída deste processo de alcance mundial. Em nosso país, por exemplo, torna-se invisível a coexistência de várias racionalidades e culturas, de tipo pré-moderno, moderno e pós-moderno. Além disso, em nossa sociedade, marcada pela lógica do consumo, ganha força uma nova cultura caracterizada pelo individualismo exacerbado e pelo culto do corpo e do prazer. A tendência à fragmentação e ao relativismo com relação à verdade e ao absoluto provocam,

paradoxalmente, atitudes de intolerância, de preconceito e de violência em relação ao diferente. Há, também, um sério risco de homogeneização de nossas riquezas culturais regionais, seduzidas por uma nova cultura “global”. No que diz respeito às relações humanas, uma justa abordagem das questões de gênero e das novas configurações familiares representa um grande desafio social e pastoral.

B. Fronteira da *experiência da fé*

3. No Brasil, vive-se uma grande efervescência religiosa, fruto da enorme sede espiritual de nosso tempo. O povo brasileiro carrega em si uma memória de sua evangelização, ainda que bastante frágil em muitos. Por um lado, o fenômeno pentecostal alertou a todo o mundo cristão sobre a importância dos afetos, do mistério e da experiência pessoal na busca do sentido da vida. Por outro, a emergência do pluralismo abriu maior espaço para a livre manifestação de outras expressões religiosas tradicionais, de matriz africana ou indígena. Além disso, a abertura eclesial vivida com a eleição do Papa Francisco trouxe novo ânimo a muitas pessoas e comunidades, com consequências positivas para a vivência da fé e o diálogo com outros.

4. Entretanto, constata-se, ainda, uma diminuição da pertença institucional à Igreja Católica e às Igrejas do Protestantismo histórico e um aumento dos sem-religião, podendo-se falar numa crise de secularização do cristianismo. Dá-se, também, o crescimento de comunidades e grupos que adotam formas religiosas exageradamente emocionais, intimistas, fundamentalistas ou neotradicionalistas, no interior das várias

tradições eclesiais. Em âmbito católico, a transmissão da fé não foi suficientemente garantida para as novas gerações, deixando os jovens à mercê de experiências espirituais pouco evangélicas e transformadoras.

C. Fronteira *social, econômica e política*

5. Como outros países emergentes, o Brasil experimentou nestes últimos anos um notável crescimento econômico, com importantes repercussões sociais. Houve progresso na integração social mediante políticas públicas arrojadas, nas áreas da educação (sobretudo universitária), da saúde, da moradia e da transferência de renda. Além disso, as frequentes manifestações de grupos da sociedade civil apontam para um amadurecimento da democracia em nosso país, a partir da consciência cidadã de que um povo organizado tem muita força política.

6. Contudo, as políticas sociais de caráter compensatório que foram incrementadas não eliminaram os *vícios estruturais* que afetam a distribuição de renda e de riquezas. A inclusão social privilegiou a inserção no mercado, através do consumo, ficando, por isso, distante da perspectiva de coesão social inerente a um projeto humanista de sociedade. Serviços públicos, como saúde, educação, segurança, energia, água, vias, portos, aeroportos etc., tornam-se mercadoria pela qual se deve pagar, dificultando o acesso de muitos a esses bens comuns. Algumas manifestações de grupos da sociedade civil têm assumido o caminho da violência, perdendo sua força e legitimidade diante da opinião pública.

D. Fronteira da *ecologia*

7. Constata-se o crescimento da consciência ecológica na sociedade, principalmente entre os mais jovens. As iniciativas que buscam favorecer um contato mais harmônico do ser humano com a natureza têm se multiplicado. Entre elas, destacam-se a descoberta e a valorização do modo de vida dos povos originários (“bem-viver”), as propostas de agroturismo, a economia solidária, experiências religiosas mais holísticas, etc. A busca de meios de transporte “limpos” e a coleta seletiva do lixo vão ganhando cada vez mais espaço nos grandes centros urbanos.

8. Porém, é inegável o sofrimento do mundo inteiro com a crise socioambiental, que se manifesta nas mudanças climáticas, na ameaça à biodiversidade, na redução da água potável, nas perdas de terra para agricultura. Entre as diversas causas desta crise, destaca-se o modelo capitalista de exploração e de consumo dos recursos naturais renováveis e não-renováveis. Essa relação predatória com a natureza e seus recursos destrói as cadeias produtoras de vida e desconhece a recomposição dos ecossistemas em virtude de uma economia míope. O desejo de ganhos rápidos e abundantes, com o mínimo de despesas, faz com que grande parte dos empreendimentos no Brasil, em geral, e na Amazônia, em particular, não respeite as principais leis socioambientais.

E. A emergência das *mulheres* como sinal dos tempos

9. O último século foi testemunha de uma grande revolução no que diz respeito às relações entre homem e mulher e sobre o

papel da mulher na família, na sociedade, na Igreja. A Constituição Federal de 1988 garantiu a igualdade de homens e mulheres em direitos e obrigações (art. 5º). A Lei Maria da Penha foi um passo concreto na proteção das mulheres contra a violência. Nunca antes as mulheres haviam conquistado tantas posições que no passado eram atributos exclusivamente masculinos. No âmbito eclesial, elas foram progressivamente reconhecidas e valorizadas como discípulas missionárias, testemunhas da ressurreição, fiéis colaboradoras da missão de Cristo.

10. Contudo, a discriminação contra a mulher ainda ocorre de modo incisivo e generalizado. Mesmo quando são mais escolarizadas que os homens, elas perdem em salário, posição social e prestígio. No Brasil, esse quadro é ainda mais opressor, se se trata das mulheres pobres e negras. A consciência da injustiça contra as mulheres nos leva a reconhecer, como companheiros de Jesus, que “muitas vezes fomos cúmplices de uma forma de clericalismo que reforçou a dominação masculina com uma sanção pretensamente divina” (CG34, Dec.14, 8 e 9). Cabe ainda à sociedade brasileira, à Igreja e a todos nós, jesuítas e colaboradores, comprometermo-nos com a superação das desigualdades de todo tipo, sobretudo aquela que inferioriza a mulher por ser mulher.

F. Os pobres como sinal permanente

11. Há várias décadas, a Igreja Católica na América Latina definiu sua “evangélica opção preferencial pelos pobres”. Desde então, a proximidade com os mais pobres tornou-se fonte de alegria nas relações, de aprendizagem sobre o essencial e o

supérfluo, tornando-se um constante apelo à conversão pessoal, comunitária e institucional. A Companhia de Jesus seguiu esta mesma orientação e fez a experiência existencial daquilo que afirmou Polanco, a pedido de Inácio: “a amizade com os pobres nos faz amigos do Rei eterno” (carta aos padres e irmãos de Pádua, 07-08-1547).

12. É justamente esta profunda experiência evangélica que nos impulsiona a reconhecer e a denunciar as injustiças estruturais e históricas, sobretudo a grande dívida social em relação aos afrodescendentes e aos povos indígenas, que perduram e se somam às situações de extrema pobreza. Novos rostos de pobres emergem: migrantes internos e externos; trabalhadores em condições de escravidão ou semiescravidão; refugiados; dependentes de drogas ilícitas, até entre os adolescentes; vítimas de tráfico de pessoas; vítimas de violência por questões de gênero; crescente número de pessoas com desorientação psicológica e depressão... Aumentam também as situações geradoras de violência em vários níveis, que afetam sobretudo os jovens.





Rua Professor Alfredo Gomes, 32 | Botafogo
CEP 22251-080 | Rio de Janeiro - RJ | Brasil
Tel. +55 21 2527-1116

www.jesuitasbrasil.com